

ESCOLA MUNICIPAL DEPUTADO JORGE FERRAZ
Secretaria Municipal de Educação

Hamilton Gonçalves Barbosa

MACHISMO E PRECONCEITO NO FUTEBOL: projeto de aulas que foram ministradas e tiveram destaque no “Prêmio Educador Nota 10”.

Contagem
2020

Justificativa

Anualmente a proposta com a unidade temática esportes, esportes de invasão, contempla o futebol nas aulas e a estratégia utilizada com os estudantes do quarto ano do ensino fundamental é de praticar variações do futebol. A partir de pesquisas realizadas pelos estudantes junto às famílias para identificar quais jogos eram praticados por seus familiares na infância e adolescência, o local dessas práticas, regras, nome do jogo e aspectos relacionados ao desenvolvimento que podem ser utilizados durante as aulas de educação física na escola. Um importante depoimento redirecionou o planejamento, um estudante levou à escola o depoimento de sua mãe, que praticava a variação “timinho”, e na rua onde jogava era a única menina o que lhe rendeu o apelido de “Maria Homem”, a partir daí, houve a necessidade de tratarmos os aspectos relacionados à participação feminina no contexto comunitário, escolar e na sociedade como um todo.

O futebol ainda é um esporte majoritariamente praticado por meninos e homens em nosso país, considerando que a maioria da população é de mulheres e que o esporte é considerado uma “paixão nacional”, o uso e apropriação da prática do futebol nas aulas de educação física deve proporcionar a todos os estudantes a vontade, o acesso e a participação efetiva nas práticas propostas, sobretudo incentivando e contextualizando a participação das meninas nessas práticas escolares e conseqüentemente a participação das mulheres no cenário esportivo com equidade. “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas é um dos 17 objetivos para o desenvolvimento sustentável de acordo com a cúpula das nações unidas, estes fazem parte de uma agenda que é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade.”

No decorrer dos anos na docência foi observado que muitos meninos estavam engajados em participar das práticas durante as aulas de educação física e comparado às meninas o número destoava. A partir do depoimento, percebemos que a mudança daquele tempo até 2019 pouco mudou, e a partir de perguntas simples sobre o por que as meninas não apresentavam o interesse relacionadas ao futebol, foi observado que palavras de machismo e preconceito em relação a participação delas ainda são fatores desencorajadores, nesse sentido, fez-se necessário o desenvolvimento de um planejamento que contemplasse a reflexão, a prática, a avaliação e discussões sobre de que forma e quais estratégias poderiam ser utilizadas para incentivar as meninas durante a prática do futebol nas aulas de educação física e a conscientização dos meninos e seu papel, sendo de fundamental importância para encorajar, acolher e praticar o futebol juntos com as meninas.

A equidade nas práticas escolares é um importante fator de combate à desigualdade de gênero e necessariamente perpassa por ações que visem a reflexão frente aos desafios de participação efetiva nos diversos papéis sociais. Sendo assim, justifica-se que a escola, o componente curricular educação física em consonância com a Base Nacional Comum Curricular através do Currículo Referência de Minas Gerais, dentro da unidade temática esportes, no caso o

futebol, deva proporcionar além da prática – necessária ao desenvolvimento de habilidades – as competências para a vida dos estudantes, enquanto sujeitos participes nas aulas, em suas comunidades e no mundo de forma ativa e reflexiva com intuito de propor soluções aos diversos problemas aos quais enfrentamos em nosso dia a dia. Incentivar as meninas na prática do futebol deve também partir dos seus pares, meninos e meninas da mesma turma, da mesma escola e da mesma comunidade podem e devem ser exemplo uns e umas para as outras no sentido de compartilhar ações de incentivo e justiça quanto a participação feminina nos esportes, nesse caso, no futebol. Há enraizadas palavras de machismo e preconceito quanto a participação das meninas que devem ser combatidas com o intuito de interromper esse ciclo de menosprezo quanto delas no futebol e na vida.

Objetivos de conhecimento e desenvolvimento

O manejo dos implementos, principalmente a bola, a organização e utilização dos espaços, rompendo a barreira das linhas da quadra, o teste, a construção e aplicação de regras para compor o jogo proposto, demonstrou aos estudantes que para a execução de um jogo variado do futebol não é preciso necessariamente a reprodução do futebol tal qual visto nas mídias, e ao mesmo tempo, não o desconsidera pois são saberes também historicamente construídos. Apropriar-se das práticas já estabelecidas socialmente num jogo, onde representar torna-se mais importante que colar e copiar, significou reconhecer as práticas, em sua maioria, jogos desenvolvidos na rua, como práticas legítimas, para o ambiente escolar e quaisquer locais onde se possa querer reconstruir essas práticas.

A autonomia proporcionou aos grupos apreciar e agir para proporcionar aos seus pares a experimentação de uma prática que buscava sensibilizar e mobilizar a todos e todas pensando também no bem-estar.

Apoiar, se permitir, participar, preocupar-se com o grupo que estava desenvolvendo a apresentação, ouvir os colegas que conduziam a aula, comportar-se de acordo com as regras e orientações dos que estavam à frente naquela aula, apreciação e colaboração foram observados no decorrer de todo o planejamento.

Todos e todas puderam e se posicionaram nos diferentes papéis, de apresentador e de ouvinte.

Conteúdos Curriculares

Os estudantes foram instigados a identificar e reconhecer que as práticas provenientes dos esportes, nesse caso o futebol, foram construídas, assimiladas e reconstruídas no tempo e espaço por gerações anteriores às suas. Relacionar

as pesquisas entre seus familiares e os saberes dos familiares dos seus colegas de grupo e da turma, evidenciou inclusive que jogos similares poderiam ter outro nome de acordo com a região onde foram praticados e que esses saberes são difundidos e compartilhados de forma intuitiva num tempo passado e na atualidade. Lembrar na teoria e na prática sobre jogos que seus pais, avós e demais pessoas do convívio realizavam os fez conhecer, analisar e inferir valor à essas práticas, assinalando a infância das gerações passadas da sua família. Tendo os estudantes enquanto centro da intervenção docente, possibilitou o reconhecimento dos seus saberes pessoais entrelaçados aos conhecimentos das práticas pesquisadas em suas casas. Inevitavelmente esboçavam as similaridades das práticas apresentadas em suas entrevistas com os jogos que desenvolviam durante o seu tempo de lazer e na escola, mesmo os que não partiam dos esportes de invasão. Interpretaram e fizeram uso e apropriação de materiais adaptados rompendo com a lógica dos implementos produzidos em larga escala, tiraram conclusões sobre a fruição das práticas, relacionadas mais ao “ser” do que ao “ter”, ao compartilhar sobrepondo-se ao ganhar e ao vencer. Todas as práticas, de fato foram adaptadas, pois a inclusão se deu de forma orgânica e principalmente real, a maioria dos que ali estavam precisaram ser incluídos de alguma forma para que a prática pudesse se dar nas aulas. Os saberes apreendidos durante o desenvolvimento do planejamento se desdobraram para ações avaliativas e reflexivas quanto a participação de todos e principalmente, nesse caso de todas. As meninas foram identificadas como não praticantes em virtude de ações individualistas com visão reduzida da realidade e reproduzida sem sentido por outras e por esta geração. Saberes sobre os fundamentos necessários à prática, o chute, o drible, o passe, o domínio, dentre outros fundamentos, foram compartilhados de forma orgânica, pois as práticas propostas pelos próprios grupos de estudantes superaram o futebol midiático, com organizações táticas complexas, comumente sem emoção, que muitas vezes é engessado sobrepondo-se ao prazer da prática pelo resultado que deve ser obtido a fim de pontuar para um campeonato ou tabela.

O manejo dos implementos, principalmente a bola, a organização e utilização dos espaços, rompendo a barreira das linhas da quadra, o teste, a construção e aplicação de regras para compor o jogo proposto, demonstrou aos estudantes que para a execução de um jogo variado do futebol não é preciso necessariamente a reprodução do futebol tal qual visto nas mídias, e ao mesmo tempo, não o desconsidera pois são saberes também historicamente construídos. Apropriar-se das práticas já estabelecidas socialmente num jogo, onde representar torna-se mais importante que colar e copiar, significou reconhecer essas práticas, em sua maioria, jogos desenvolvidos na rua, como práticas legítimas, para o ambiente escolar e quaisquer locais onde se possa querer reconstruir e utilizar essas práticas.

A autonomia proporcionou aos grupos apreciar e agir para proporcionar aos seus pares a experimentação de uma prática que buscava sensibilizar e mobilizar a todos e todas pensando também no bem-estar.

Apoiar, se permitir, participar, preocupar-se com o grupo que estava desenvolvendo a apresentação, ouvir os colegas que conduziam a aula, comportar-se de acordo com as regras e orientações dos que estavam à frente

naquela aula, apreciação e colaboração foram observados no decorrer de todo o planejamento.

Todos e todas puderam e se posicionaram nos diferentes papéis, de apresentador e de ouvinte.

Metodologia

Os estudantes receberam instruções (roteiro) para desenvolver uma entrevista com seus familiares no intuito de identificar as práticas que eram desenvolvidas por essas pessoas durante a infância e adolescência, na orientação, era necessário identificar jogos que eram variações do futebol, suas regras e o local da prática. O primeiro passo era a realização da entrevista individualmente, e a partir das entrevistas, foram organizados em sala de aula grupos para compartilhar o resultado dessas entrevistas, identificando os jogos que foram coletados e o grupo deveria escolher pelo menos uma dessas práticas para ser apresentada aos seus colegas durante as aulas que se seguiram. A ideia é de que cada grupo fizesse a apresentação da parte teórica, explicando o jogo e seu desenvolvimento além de apontar os materiais necessários para a prática, se esse material era adaptado ou seria disponibilizado a partir dos materiais disponíveis na escola. Com o sorteio das datas das apresentações os grupos receberam do professor uma folha para ser preenchida com todos os dados necessários para as apresentações, ordem de apresentação, componentes dos grupos, as práticas e suas regras e materiais que seriam utilizados. Para melhor engajamento foi apresentado para a turma um álbum de figurinhas que fez parte de todo o desenvolvimento do planejamento. O álbum foi confeccionado com figurinhas a partir das fotos dos estudantes. Em sala de aula, foram tiradas as fotos de todos com o uso do celular do professor, o álbum foi confeccionado e distribuído para os estudantes na primeira aula da apresentação dos grupos e a partir dessa aula, cada grupo ficava responsável pela distribuição de pacotes com figurinhas dos estudantes daquela turma após a apresentação e participação de todos, após a apresentação o grupo realizava feedback com a turma para melhoria da participação nas próximas aulas, daí os estudantes revezavam entre participantes da apresentação do grupos dos colegas e apresentadores do trabalho que havia sido alinhado com seu grupo. Em cada aula, foi disponibilizado um tempo para a organização e alinhamento das ações dos grupos, os estudantes puderam organizar toda dinâmica do trabalho durante o início de cada aula com seus grupos, essa ação proporcionou duas importantes premissas de qualidade aos trabalhos: mediação do professor quanto a sanar dúvidas e a organização para apresentação, e por seguinte, a possibilidade de encontros produtivos com a participação de todos, sem que um estudante realizasse todo o trabalho ficando sobrecarregado e posteriormente a apresentação fosse feita em grupo.

Os estudantes com seus respectivos grupos escolheram e planejaram o desenvolvimento e apresentação dos trabalhos que proporcionou a todos da turma a vivência e experimentação de pelo menos seis práticas diferentes de variações do futebol (gol a gol, derrubar garrafa, fut mesa, timinho, duplinha, tira-

tira) foram algumas das práticas desenvolvidas a partir das entrevistas e da organização dos grupos que eram também responsáveis por monitorar o tempo, garantir a participação de todos e todas e ao final de cada apresentação já devidamente com seus álbuns cada estudante recebia do grupo que apresentou o feedback da participação e um pacote com três figurinhas para compor seu álbum. Com o depoimento da mãe do estudante sobre o apelido de “Maria Homem” o professor organizou discussões que compunham o desenvolvimento das apresentações dos trabalhos dos grupos com questionamentos sobre os saberes das meninas com relação às práticas das atividades propostas pelos grupos e as relações que eram desenvolvidas no decorrer das aulas entre meninos, meninas e o futebol. As discussões se davam nas aulas e nos tempos que antecediam as apresentações, na preparação dos grupos para os trabalhos. Foi proposto após as apresentações de todos os grupos de cada sala que as turmas do quarto ano confeccionassem um painel em local de acesso de todos os estudantes na escola.

Estratégias pedagógicas desenvolvidas para garantir a participação do estudante com deficiência.

Houve intervenções em todo o tempo da realização do projeto, desde o início com as entrevistas, durante as apresentações dos grupos (parte teórica e prática) na participação do estudante de NEE nas práticas propostas pelos grupos e na avaliação e confecção do painel. Quanto à entrevista, as orientações que foram verbais, para o estudante elas foram por escrito, esta estratégia serviu para que a família pudesse auxiliar e participar como todos seus pares. A organização nos grupos chama a atenção (não somente nesse projeto) onde muitos solicitam que o estudante faça parte dos mesmos, ele é disputado para fazer parte dos grupos, assim foi garantido que o estudante pudesse de forma legítima participar das ações que os grupos propunham (escolha dos jogos, apresentação – teórica e prática – mediação da prática para seus pares e avaliação com a entrega dos pacotes de figurinhas). Quando o estudante foi participante das práticas dos outros grupos, não houve a necessidade de adaptar os implementos (materialidade) para que ele pudesse de fato ser incluído, porém as regras foram adaptadas de acordo com os jogos apresentados na turma. Quando o estudante vivenciava SER GOLEIRO, era sentado e a altura do que era considerado gol dava-se a partir dos seus braços estendidos, se a bola passasse dessa altura, não era considerado gol, além de diminuir o espaço entre as traves (de cone), para dar igualdade de defesa por parte dele. Na prática de derrubar garrafa, timinho e gol a gol – por exemplo – para manter o equilíbrio e permanecer de pé durante o desenvolvimento do jogo, o professor apoiava o estudante segurando-o por um cinto adaptado (mais largo, de tecido resistente com locais para pegar) e ao tomar posse da bola os estudantes foram orientados a cercá-lo, ao invés de interpelar, para que o estudante com NEE pudesse

conduzir a bola para o objetivo do jogo proposto. Assim como nos outros grupos, todos os estudantes entregavam os pacotes com as figurinhas ao final da apresentação, assim, ele fazia esta tarefa com os demais do seu grupo, respeitado seu tempo para pegar os pacotes de sua responsabilidade e para entregar. Todas as práticas desenvolvidas nas aulas são com o objetivo de “todos juntos, todos participam” e mais que uma frase – muito repetida pelo professor – assegurar o engajamento legítimo dos estudantes é respeitar o tempo e o desenvolvimento de todos, para tanto, a teoria, a apresentação, a prática e a avaliação são adaptadas para cumprir os objetivos das aulas e dos projetos, assim foi feito para o estudante NEE.

O projeto e o território: ações e políticas existentes e com as organizações sociais.

O desenvolvimento do planejamento com o tema durante as aulas atuou de forma a ressignificar as práticas e a participação das meninas em jogos comumente atribuídos a meninos e a participação quase exclusivamente masculina em toda cadeia futebolística. Na comunidade existem áreas para a prática de atividades físicas e ficou elucidado perante a realização das atividades avaliativas propostas pelo professor que os estudantes contemplados com o planejamento e o desenvolvimento das aulas puderam estabelecer outras relações com suas colegas e os espaços para as práticas, que se deram também nas relações de uso e desfrute desses espaços nas aulas de educação física.

Foi assegurada educação inclusiva e equitativa de forma a promover a qualidade e oportunidades de aprendizagem para além das aulas de educação física com o tema futebol, mas para o longo da vida para todos.

Há um Relatório nacional de desenvolvimento humano do Brasil, promovido pelo programa das nações unidas para o desenvolvimento com o tema: Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas, do ano de 2017, desenvolvido pela professora Helena Altmann, com números estarrecedores sobre a prática de exercícios físicos e esportes onde os dados levantados apontam que mesmo sendo maioria, as mulheres estão em desvantagem quando o assunto é a participação em atividades físicas e exercícios físicos comparado ao percentual de homens praticantes e conseqüentemente esses números apontam a baixa participação feminina na recomendação da OMS de no mínimo trezentos minutos de atividades semanais. Esses números se traduzem na sociedade como um todo quando pensamos na participação das mulheres no trabalho, na política e na igualdade de direitos e renda. Engajar as meninas desde a infância e provocar os meninos a pensar nas relações de machismo e preconceito impregnadas na sociedade é dever de todos. Podemos e devemos propor reflexões que possam desconstruir e superar a desigualdade de gênero.

Evidências das aprendizagens alcançadas

Os estudantes foram capazes de produzir com a mediação do professor um painel intitulado: “Frases machistas e preconceituosas que não queremos mais no futebol! ”

O segundo momento da confecção do painel foi de autoria dos estudantes que organizados em pequenos grupos e pensando de que forma poderiam contribuir para minimizar as diferenças na prática entre meninos e meninas, foram capazes de desconstruir as frases apresentadas pelo professor e pelo depoimento da mãe do estudante na entrevista, realizando a produção de conteúdo autoral para ficar disposto no painel com frases de encorajamento e combate ao machismo e ao preconceito. Boa parte dos estudantes conseguiram pensar de forma autônoma, que as relações de desigualdade de gênero estão impressas em outros esportes para além do futebol e outros campos sociais, verbalizando nas discussões suas críticas a determinadas situações que infelizmente são comumente disseminadas em suas famílias e comunidade. Ainda, durante a realização das práticas das apresentações dos grupos e das aulas que se seguiram, foi evidente a diferença no trato com as meninas e com os meninos que não dominavam algum fundamento do esporte em questão. Os estudantes que detinham maior conhecimento de fundamentos e técnica, se mostraram com empatia frente a dificuldade das meninas e de meninos que apresentavam alguma dificuldade durante a execução. As relações que foram sendo estabelecidas após cada prática e discussão, foram reveladoras quanto ao engajamento nas propostas apresentadas no decorrer do desenvolvimento do planejamento mostrando que houve assimilação das aprendizagens almejadas para o planejamento. Ainda, houve a confecção e assinatura, por parte dos meninos, de um termo de colaboração para a participação das meninas no futebol e em quaisquer práticas que elas quisessem realizar, onde eles se tornaram signatários também de um compromisso em prol do combate ao preconceito e ao machismo.

Avaliação do processo de aprendizagem dos estudantes e do projeto pedagógico

Para o desenvolvimento do painel, o professor realizou o levantamento de outras palavras com cunho machista e preconceito, além das trazidas por alguns estudantes, tendo como referência “Maria Homem”, que serviram para subsidiar a confecção do painel no primeiro momento. Além da apresentação das palavras e discussões sobre de que forma poderiam ser desconstruídas, essas palavras ou frases machistas e preconceituosas, os estudantes receberam emojis para serem coloridos, os primeiros emojis eram negativos com intuito de repudiar as palavras e frases apresentadas. Na confecção do painel todas as palavras foram colocadas e os estudantes com seus emojis negativos classificavam essas palavras e frases colando-os ao lado.

No segundo momento, os meninos se organizaram em pequenos grupos para pensar e registrar frases que pudessem incentivar as meninas na prática do futebol. Após registrar essas frases ou palavras, as meninas receberam emojis

positivos para serem colados nas palavras que foram dispostas pelos estudantes na segunda metade do painel.

Durante todas as etapas do planejamento os estudantes foram recebendo os pacotes com as figurinhas e ao final, estavam com a mesma quantidade de figurinhas dos seus pares, demonstrando igualdade no acesso.

Ainda, foi apresentado aos meninos, que se propuseram e assinaram, um termo de cooperação e incentivo para a participação das meninas na prática do futebol e demais esportes. Este termo teve o intuito de que os estudantes se comprometessem para além das aulas de educação física e da escola, sendo necessário o apoio em suas família e comunidade.

Quanto ao desenvolvimento pedagógico das proposições, a avaliação se deu com o registro das etapas do planejamento e da participação dos estudantes durante todo o percurso proposto. Houve alinhamento quanto as expectativas, os desdobramentos, engajamento e apresentação, sendo o projeto avaliado a cada aula para verificação da aprendizagem, que se consolidou.

Foi apresentado à supervisão.

Auto avaliação

Há que se pensar sobre as aprendizagens que estão imbricadas na disposição das atividades propostas e de que forma essas apreensões serão de fato assimiladas. Como de praxe, a orientação para o desenvolvimento das aulas é que o planejamento seja apresentado para a supervisão escolar, com o intuito de desenvolver as aulas de acordo com as proposições da instituição. Esse relato, especificamente, foi revelador quanto a necessidade da Escuta Ativa por parte do professor. O planejamento apresentado não contemplava as discussões que foram realizadas e o percurso das aulas com as questões ligadas a participação feminina e a necessidade do combate ao machismo e ao preconceito que elas vêm sofrendo nas práticas de esportes. Após a escuta do relato do estudante ao entrevistar sua mãe, uma série de ações foram pensadas para que aquele depoimento não se perdesse, para que aquela situação não fosse considerada apenas corriqueira, deixando de ser abordada durante as aulas. Após o entendimento de que o planejamento é necessário, porém não pode ser estanque, pelo contrário, deve se ater à participação dos estudantes, procurei me informar e formar para a **Escuta Ativa** nas relações que se estabelecem cotidianamente na prática docente, sobretudo quando do saber que os estudantes trazem diariamente para o ambiente escolar. O compromisso com a educação física escolar deve ir além das práticas no sentido do exercício físico puro e final, e também não pode ser colocado em segundo plano, pois é o que tem legitimado esse importante componente curricular dentro das instituições de ensino, para além, a educação física escolar com suas atividades práticas deve lançar mão do arcabouço que lhe consolida, propondo reflexões sobre as

práticas e seu desenvolvimento na história da humanidade. Revisitar textos, pesquisar sobre as relações que estão sendo estabelecidas entre o feminino e os esportes e a sociedade, foram e continuarão sendo fundamentais enquanto avaliação processual na prática docente.